

**DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E SURDOCEGUEIRA: PRÁTICAS
INCLUSIVAS DO PROFESSOR INSTRUTOR/ESPECIALISTA UMA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM BASE NAS VERSÕES DO CONTO
“CHAPEUZINHO VERMELHO”**

**INTELLECTUAL DISABILITY AND DEAFBLINDNESS: INCLUSIVE
PRACTICES OF THE TEACHER INSTRUCTOR/SPECIALIST A
PROPOSAL FOR INTERVENTION BASED ON VERSIONS OF THE TALE
“LITTLE RED RIDING HOOD”**

Andrea Fernanda de Oliveira¹

Débora Matos Alauk²

Erica Rodrigues dos Santos³

“A alegria é o fogo que mantém aquecido o nosso objetivo, e acesa a nossa inteligência.” (Helen Keller)

Resumo: Este trabalho se insere na linha de pesquisa sobre Educação Especial com ênfase na deficiência intelectual e tem por objetivo elaborar uma proposta de intervenção e analisar as metodologias e estratégias do professor instrutor e especialista para que ele seja capaz de ensinar o aluno surdocego e com deficiência intelectual, com foco no letramento da Língua Portuguesa na modalidade escrita, libras tátil como a língua materna e o braile manual ou tátil com base nas versões de Chapeuzinho Vermelho. Para isso, a nossa pergunta de pesquisa é: Qual é a importância do professor instrutor/ especialista na formação acadêmica de aluno surdoscego e com deficiência intelectual?

1 Especialista em educação especial pela Universidade Cruzeiro do Sul

2 Doutora em Língua portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Cruzeiro do Sul

3 Especialista em educação especial pela Universidade Cruzeiro do Sul

Especialista em educação especial pela Universidade Cruzeiro do Sul De acordo com essa pergunta, estabelecemos os seguintes objetivos: A) compreender a importância papel do professor instrutor/especialista na formação de alunos; B) Incluir os alunos surdoscegos e com deficiência intelectual no sistema educacional por meio de práticas pedagógicas adequadas e C) Auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdocego com deficiência intelectual por meio de uma proposta de intervenção inclusiva. Com base nisso, a metodologia utilizada foi quantitativa por meio de uma entrevista realizada por uma professora instrutor e especialista que atua em uma EMEB com dois alunos com deficiências múltiplas. Nesse contexto, esta pesquisa se justifica por ampliar estudos na área da Educação Inclusiva com foco na deficiência intelectual e surdocegueira por meio de práticas pedagógicas adequadas. Desse modo, esta proposta segue o eixo teórico dos estudos sobre deficiência intelectual e a surdocegueira com base nos seguintes autores: conceito e abordagem de práticas de trabalho com aluno com deficiência intelectual ROSA (2017), GRILLO (2007), MANTOAN (2003) e OLIVEIRA (2018) e definição, níveis e formas de comunicação e educação de surdocegos CAMBRUZZI e COSTA (2016), VILELA (2020) e MCINNES (1999).

Palavras-chave: Deficiência intelectual, surdocegueira, Educação inclusiva, professor instrutor.

Abstract: This work is part of the research line on Special Education with an emphasis on intellectual disability. It aims to develop an intervention proposal and analyze the methodologies and strategies of the instructor and specialist teacher, so they are capable of teaching deafblind students with intellectual disabilities. The focus is on literacy in written Portuguese, tactile Libras as the mother tongue, and manual or tactile Braille, based on versions of Little Red Riding Hood. To this end, our research question is: What is the importance of the instructor/specialist teacher in the academic development of deafblind students with intellectual disabilities? Based on this question, we established the following objectives: A) to understand the importance of the role of the instructor/specialist teacher in student development; B) to include deafblind students with intellectual disabilities in the educational system

through appropriate pedagogical practices; and C) to assist in the teaching and learning process through an inclusive intervention proposal. The methodology used was quantitative, through an interview conducted with an instructor and specialist teacher working in a municipal public school (EMEB) with two students with multiple disabilities. This research is justified by the need to expand studies in the field of Inclusive Education focusing on intellectual disability and deafblindness through adequate pedagogical practices. Therefore, this proposal is grounded in the theoretical framework of studies on intellectual disability and deafblindness based on the following authors: concepts and practical approaches to working with students with intellectual disabilities by ROSA (2017), GRILLO (2007), MANTOAN (2003), and OLIVEIRA (2018); and the definition, levels, forms of communication and education of deafblind individuals by CAMBRUZZI & COSTA (2016), VILELA (2020), and MCINNES (1999).

Keywords: Intellectual disability, deafblindness, inclusive education, instructor teacher.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação Especial foi apenas formativa por meio de um documento elaborado na conferência mundial, em Salamanca, na Espanha com o propósito de estabelecer diretrizes básicas para formular reformas de políticas educacionais conforme o movimento de inclusão social. Conforme Declaração de Salamanca, estudiosos e professores buscaram compreender os desafios designados pela Educação Especial.

No Brasil, a educação especial foi reconhecida e sancionada em 1996 como direito de todos os alunos com deficiência, transtorno globais de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação por meio da Lei nº 9.394- Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) que entende:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de

ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm acesso 16/10/2021)

Nesse contexto, buscamos compreender e analisar a importância do papel do professor instrutor/ especialista com base no seguinte problema de pesquisa: Qual é a importância do professor instrutor/ especialista na formação acadêmica de aluno surdocego e com deficiência intelectual?

De acordo com essa pergunta, estabelecemos os seguintes objetivos: A) compreender a importância papel do professor instrutor/especialista na formação de alunos; B) Incluir os alunos surdoscegos e com deficiência intelectual no sistema educacional por meio de práticas pedagógicas adequadas e C) Auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdocego com deficiência intelectual por meio de uma proposta de intervenção inclusiva.

Este estudo segue o eixo teórico da Educação Inclusiva com base nos autores que trabalham o conceito e abordagem de práticas de trabalho com aluno com deficiência intelectual ROSA (2017), GRILLO (2007), MANTOAN (2003) e OLIVEIRA (2018) e definição, níveis e formas de comunicação e educação de surdocegos CAMBRUZZI e COSTA (2016), VILELA (2020) e MCINNES (1999).

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos utilizar uma metodologia qualificativa por meio de uma pesquisa em campo realizada em uma EMEB (Escola Municipal de Educação Bilíngues para surdos) em São Paulo, a prática pedagógica de uma professora instrutora que orienta dois alunos com múltiplas deficiências. Portanto, elaboramos um questionário para analisar a ação dessa professora que nos orientou para o desenvolvimento de uma proposta de intervenção inclusiva para alunos com deficiência intelectual e surdocego.

A pesquisa se justifica pela possibilidade de trazer contribuições para o estudo sobre práticas

pedagógicas e inclusivas de alunos com deficiência intelectual e surdocegos no que diz respeito ao papel do professor instrutor e especialista na capacitação desses sujeitos.

O trabalho se constitui por apresentar três capítulos: A) A constituição da pesquisa; B) Constituição e análise do corpus e C) Proposta de intervenção.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, buscamos contextualizar a pesquisa por meio de apresentar estudos sobre a deficiência intelectual e a surdocegueira com base nos seguintes autores: conceito e abordagem de práticas de trabalho com aluno com deficiência intelectual ROSA (2017), GRILLO (2007), MANTOAN (2003) e OLIVEIRA (2018) e definição, níveis e formas de comunicação e educação de surdocegos CAMBRUZZI e COSTA (2016), VILELA (2020) e MCLNNES (1999).

A deficiência intelectual: Práticas pedagógicas inclusivas

Nesta seção, discorreremos sobre os estudos da deficiência intelectual conforme ROSA (2017), GRILLO (2007), MANTOAN (2003) e OLIVEIRA (2018) com objetivo de estabelecer práticas pedagógicas inclusivas e compreender quais são as metodologias e as estratégias mais adequadas.

Para Grillo (2007), há duas posturas do professor sobre o ensino que são: o ensino tradicional e construtivista. Por um lado, o primeiro se baseia na transmissão de informações em que o aluno é considerado como sujeito passivo e reproduz aquilo que aprende. Por outro lado, o segundo o estudante é visto como protagonista do saber e tanto a criança quanto o professor estão no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, o modelo construtivista contribui tanto o ensino de crianças sem deficiências quanto com crianças deficientes, pois essa abordagem parte daquilo que o aluno tem de conhecimento, além dele aprimorar e ressaltar as suas potencialidades. Por isso, é importante salientar que de acordo

com a autora cada aluno aprender em um ritmo por meio de etapas sistematizadas.

Os períodos de instabilidade caracterizam o processo de desenvolvimento. A criança com deficiência tem variações constantes com possível prolongamento por meses. Isso ocorre, devido à criança não remodelar instantaneamente a maneira de agir. Previamente, a criança oscila entre o progresso e o comportamento até conseguir obter a transformação efetiva. Dessa forma, o professor precisa ter criatividade para poder trabalhar com matérias não estruturadas, partindo da aprendizagem da criança.

O Funcionamento Intelectual Limítrofe (Bordeline Intectual Functioning – BIF), usualmente conhecido como dificuldade intelectual leve, é resultado do atraso do processo neuropsicomotor e cognitivo. Esse fenômeno ocorre no decorrer da fase do desenvolvimento da criança, podendo estar unidos à carência de estímulos ou compromisso ao sistema nervoso central (SNC), aos quais acarretam retardo no desenvolvimento da cognição, linguagem e motricidade.

Segundo Balbela (2016), ela afirma que o fato ocorre apenas com nitidez em idade escolar avançada, prevalecendo entre 10 e 14 anos, e, inclusive, por essa razão que um dos principais fatores da demora no diagnóstico, o qual é feito pelo exame neurológico do desenvolvimento com base na avaliação psicológica que mede as habilidades intelectuais e grafomotoras, nos níveis maturacionais da criança, e da avaliação das habilidades da vida diária e das características da personalidade.

O atendimento da educação especial está assegurado pelo art 208:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_208_.asp <acesso 20/09/2021>

Oliveira (2018, p.81) complementa que a política educacional tem um papel importante sobre a inclusão de alunos deficientes.

A política educacional brasileira estabelece o princípio de inclusão escolar e abre novos espaços para a educação especial e para pensarmos a escolarização dos caminhos, diferentes trilhados em momentos anteriores da história. A deficiência intelectual necessariamente traz impactos visíveis para a organização da escola e da sala de aula e talvez nos aproxime de forma mais direta dos ideários da proposta educacional inclusiva- o de construir uma escola para todos.

Conforme as leis e as políticas educacionais que amparam os alunos com deficiência, observaremos a seguir uma classificação da deficiência intelectual conforme DSM-IV:

Quadro 1 - Categorias de classificação do retardo mental segundo o DSM-IV

Categoria	Desvio padrão	Quociente de inteligência QI	Capacidade intelectual	Suporte necessário
Leve	2-3	50-55 a 70	Educável	Intermitente
Moderado	3-4	35-40 a 50-55	Treinável	Limitado
Grave	4-5	20-25 a 35-40	Muito comprometido	Extenso
Profundo	>5	<20-25	Muito comprometido	Permanente

Fonte: Apud: BALBELA 2016, p. 151 (ROTTA, OHLWEILER e RIESGO, 2005)

Séguin (1846) entende que, para a pessoa com deficiência intelectual, a capacidade de regularizar a utilização dos sentidos, com o fim de fertilizar os desejos, as ideias e as paixões de pessoa e multiplicar as noções que sozinhas permaneceriam alheias, sem ligação com mundo exterior, abordando-se de um questionamento de dinâmica vital.

Conforme Rosa (2017), o esquema educativo de Séguin propõe que a educação da criança com deficiência intelectual só tem sentido quando as atividades são desenvolvidas por meio de práticas lúdicas que estabelecem o concreto e o real.

A seguir observamos um quadro 2 que são etapas de ensino de acordo com o esquema educativo de Séguin.

Quadro 2 - Etapas de ensino conforme o esquema educativo de Séguin

FUNÇÃO	OBJETIVO	ATIVIDADES PEDAGÓGICAS
Escrita	Representar uma ideia através de sinais; Entender uma ideia em um sinal.	Com alfabeto móvel, o professor divide as placas em dois conceitos: configuração de letras e seus respectivos nomes. Feito isso, o professor deverá colocar duas ou três primeiras letras de metal para o aluno encontrar o nome próprio no armário pintado na carta (leitura passiva). O professor poderá também apresentar uma carta à criança e ela deverá encontrar o nome e pronunciá-la.
Gramática	Nomeação	Ensinar um objeto utilizando o conhecimento já adquirido do aluno. Para Séguin, deve-se partir sempre de algo conhecido para que a criança não se sinta insegura
	Qualidade	Colocando o aluno em uma mesa, o professor irá solicitar que este indique algumas propriedades da mesa (marron redonda, montada sobre quatro pernas ou apenas uma), estabelecendo também as diferenças que as distinguem de outra mesa como preta, quadrada, etc. Este exercício deve ser feito, não só na presença das coisas, mas com as palavras na mão ou por escrevê-las, de modo que a relação entre a palavra escrita e falada com o objeto seja constante, e o concreto continuamente despertando a abstração.
	Ação	Usar cartões ou fichas com várias ações escritas. O professor diz o comando e o aluno deverá primeiro mostrar a palavra escrita correspondente ao comando para, em seguida, produzir movimento indicado.
Gramática	Relações	Escrever fichas ou dizer comandos, por exemplo: colocar a garrafa sobre a mesa ou colocar a garrafa debaixo da mesa etc.

Fonte: (Rosa, 2017, p.143)

O quadro 2 estabelece as etapas de ensino para uma criança de deficiência intelectual em duas dimensões: da escrita e da gramática. Entretanto, essas propostas serão adaptadas levando em conta o propósito do trabalho que é elaborar uma proposta de intervenção para um aluno surdocego e com deficiência intelectual de grau leve.

Para Mantoan (2003, p. 15) destaca o processo de inclusão e integração dentro do ambiente escolar:

O processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema escolar — da classe regular ao ensino especial — em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de uma concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados.

Esse processo de inclusão é uma tarefa árdua e necessária dentro de todos os ambientes para garanti os direitos do indivíduo com deficiência.

Nesse sentido, destacamos nesta secção algumas propostas de inclusão, conceito e direito do sujeito com deficiência intelectual.

Na próxima secção, observarem o conceito e as práticas de inclusão para alunos surdocegos.

Surdocegueira: Desafios e perspectivas inclusivas

Nesta subsecção, tratamos do conceito da surdocegueira e perspectivas de inclusão com base nos estudos de CAMBRUZZI e COSTA (2016), VILELA (2020) e MCINNES (1999).

Nos anos de 1990, a expressão surdocegueira veio substituindo outra expressão surdos e cegos, pois a junção dessas palavras mostrou com mais clareza a condição de uma deficiência única.

Nesse contexto, observamos que a expressão surdocegueira é recente, pois, partindo do pressuposto que os indivíduos surdocegos possuem diferenças apesar de compartilhar das mesmas

características ela vai auxiliar o profissional a elaborar estratégias para cada surdocego, contemplando suas individualidades de forma ampla.

A surdocegueira era vista como uma deficiência única, agora entende a necessidade de um apoio especializado com profissionais capacitados que compreendam as individualidades e peculiaridades dos alunos, ampliando o atendimento além daquele que já existe nas instituições para os indivíduos com perda visual e auditiva. Dessa forma, esses atendimentos beneficia os alunos em sua integralidade.

Conforme os estudos de Mcinnes (1999), a surdocegueira é uma deficiência única que exige uma abordagem específica para que contribua no desenvolvimento e oferece suporte ao indivíduo surdocego. Assim, o autor define essas pessoas em quatro categorias: I. Indivíduos que eram cegos e se tornaram surdos; II. Indivíduos que eram surdos e se tornaram cegos; III. Indivíduos que se tornaram surdocegos; e, por fim, IV. Indivíduos que nasceram ou adquiriram surdocegueira precocemente, ou seja, não tiveram a oportunidade de desenvolver linguagem, habilidades comunicativas ou cognitivas nem base conceitual sobre a qual possam construir uma compreensão de mundo.

Segundo Mcinnes (1999), os surdocegos congênito ou que adquiriram precocemente têm deficiências associadas como: físicas e intelectuais. Essas quatro categorias acima podem ser agrupadas em surdocegos congênitos ou surdocegos adquiridos. A partir dessa compreensão, o educador poderá trabalhar de acordo com as experiências já adquiridas ou não pelos indivíduos assegurando seu aprendizado e inclusão na sociedade.

No ambiente educacional, há duas classificações de surdocegueira: A) a surdocegueira congênita que é quando o indivíduo nasce surdocego ou adquire antes de ter uma língua; B) surdocegueira adquirida é quando a pessoa ficou surdocefa após aquisição de uma língua.

A lei de diretrizes e bases estabelece a inclusão do sujeito surdocego. Com base nos dados do Censo 2010, há no Brasil mais de 6 milhões de pessoas com deficiência visual. Somente na cidade de São Paulo são 345 mil pessoas.

Como podemos constatar, os dados do IBGE da pessoa surdocega além de não ser atualizado

é também impreciso e isso dificulta nas ações afirmativas garantida na Lei que estabelece as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, sendo um dos princípios básico, o direito a adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social de inclusão plena;

Diante disso, compreendemos que, sem ajuda do poder público que demanda a verba para a efetivação das melhorias, contratação e qualificação de profissionais a escola enfrenta um maior desafio e deve fazer o possível para garantir o mínimo, buscando apoio com a comunidade escolar, família e pressionando o poder público com base na lei.

É imprescindível que o professor da sala de recurso tenha uma ótima formação, conheça e domine uma série de conhecimentos, esteja se atualizando, tenha um conhecimento das diferentes formas de comunicação e articule suas práticas com o professor da sala regular e vice-versa, pois dessa forma a inclusão será de fato realizada e o aluno tenha seus direitos garantido.

Há diversos recursos de comunicação que poderão ser utilizados pelos indivíduos com surdocegueira conforme o estudo de Vilela (2020), assim destacamos alguns que devem serem incluídas nas práticas pedagógicas do professor:

1. Libras de Sinais Tátil: consiste em uma forma de comunicação baseada na Língua de Sinais. É realizada com a mão do interlocutor e interpretados pelas mãos do surdocego fluente em LIBRAS.
2. Braille Tátil ou manual: trata-se de um método alfabético baseado no sistema Braille tradicional de leitura e escrita adaptado para surdocego que interpreta os pontos Braille por meio do tato.
3. Alfabeto Manual Tátil: sistema manual de letras do alfabeto que se formam na palma da mão do surdocego.
4. Língua de sinais em campo reduzido: trata-se de línguas de sinais para surdocegos com surdez profunda e baixa visão. Nesse caso, o comunicador precisa estar de frente, e se

adequar ao espaço de sinalização ao campo visual do surdocego.

5. Tadoma: comunicação em que o surdocego coloca uma das mãos no rosto (maxilar, boca, bochecha) e pescoço do falante para sentir a vibração da voz e assim conseguir interpretar.
6. Placas alfabéticas: fabricadas em plástico sólido, as letras e os números são representados em alto relevo. Alguns modelos têm cores contrastantes para auxiliar pessoas com baixa visão e outros são para pessoas surdocegas que pelo seu tato, tocam com o dedo de outra pessoa estabelecendo uma comunicação.
7. Placas alfabéticas em Braille: semelhante a anterior, sendo que as letras e números são em Braille e assim a pessoa surdocega percebe a mensagem explorando pelo tato os pontos referentes
8. Fala ampliada: sistema feito para surdocego que usa aparelho de amplificação sonora (AASI). A comunicação é feita por meio da língua oral, ao pé do ouvido e num volume de som mais alto.
9. Escrita Ampliada: com aumento no tamanho das letras e no contraste, evidenciando a relação palavra/fundo, para surdocegos com baixa visão.

Esses recursos são importantes para garantir a comunicação do surdocego. Cambuzzi e Costa (2016) complementa ao afirmar que a comunicação do surdocego envolve quatro enfoques que são: os níveis, as formas e o contexto. Assim, de acordo com nível do sujeito o professor deverá utilizar a melhor forma de comunicação. Nesse contexto, as crianças surdocegas precisa de materiais táteis para se comunicar.

Nesta seção, abordamos o conceito e as práticas de inclusivas para trabalhar com sujeito surdocego.

Em seguida, veremos questões sobre a constituição e análise do corpus.

CONSTITUIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, faremos a constituição e a análise do corpus selecionado. Para isso, justificamos a escolha por ser um meio de analisar e pesquisar quais são as metodologias e estratégias de atividades propostas por uma professora que trabalha com duas crianças com múltiplas deficiências. Dessa maneira, realizamos uma entrevista por intermédio do e-mail.

Para contextualizar o corpus, afirmamos que a professora apresenta conhecimentos necessário para atuar nesse campo e também ela está como professora instrutora na prefeitura há mais de dez anos.

A seguir apresentaremos a entrevista feita:

Quais são recursos pedagógicos utilizados para auxiliar o processo de ensino de aprendizagem de um aluno surdocego?
O recurso pedagógico principal e adaptação de recursos na parte tátil, isso é imprescindível. Ele vai conhecer o mundo através do toque, por exemplo, você quer dar maçã. Então, você vai dar uma maçã para ele, ele vai tocar, sentir o formato, perceber que a casca é lisa. No nosso caso, a gente dá o sinal de maçã, na mão dele, as mãos dele em cima das minhas. Vou apresentar o sinal em libras da maçã, depois de tudo isso. Se quero fazer registro para ele no caderno ou uma folha, junto com o objeto trabalhado, sempre atentado com as características dessa fruta que é a casca é lisa. Vou fazer ele toca em cima da maçã, e colar comigo alguma coisa que remeta a casca que é lisa, como ele já tocou na própria fruta para ele poder indicar isso e relacionar. Depois que ele tocou na maçã e fez o registro, você pode colocar um contact e dar essa sensação da casca lisa e dar novamente o sinal. No caso do meu aluno K., colocar as letras moveis, ele vai tocando na grafia de cada letra e fazendo a digitação e libras. Quais recursos pedagógicos é parte tátil total, então como esses recursos acontecem. Na verdade você vai montar com o aluno, não existe pronto. Pois quando você montando com ele, até porque ele vai internalizando aquele conceito, vai guardando na memória como ele não ouve e não vê. Por exemplo, você vai passar o sinal em libras de maçã e vai digitar, depois você abrir a maçã com ele. Ele vai sentir, vai comer. Enfim, é tudo isso. Nós temos pensar no nosso pensamento de ouvinte e de vidente, precisa pensar como cego. Qual é a maneira melhor que faz ele aprender os conceitos. Então, os recursos pedagógicos são esses. Você montando com ele, usando materiais papelão, eva com outras texturas diferentes que remete aquilo que você quer mostrar. Se é um gato você pega um pelo que remete ao animal.
Quais são as estratégias mais adequadas para trabalhar com esses alunos dentro do ambiente escolar?
Depende muito, a estratégia qual é. Você está acompanhando ele ali, você precisa estar atenta a todo tempo a novos conceitos, novos detalhes para ele conhecer a sala. Ele precisa tocar no ambiente, você precisa localiza-lo ali, tocar nas pessoas, pensar nas estratégias são essas. Você precisa conhecer seu surdocego. Se ele tinha libras antes, se ele era surdo e depois ficou cego ou vice-versa em que época foi isso, se tinha bastante tempo, ou se ele não tem nada de libras. Você precisa apresentar aquele conceito, ele possa saber, como eu já falei, no primeiro da maçã, eu vou dar uma maçã, vou colar a textura e sempre voltar naquilo para que ele vai internalizando. Lembrando que assim, não pode passar nada. Se você que mostrar onde ele vai colar, ele vai tatear na folha. Se você quer que ele tenha uma ideia de linha, você precisa colar um barbante, então em cima daquela linha. Ele toca primeiro a linha do começo ao fim que ali que ele vai colar. Eu faço o sinal em libras de colar com ele. Depois ele vai pegar ele vai colar e organizar as letras, por exemplo, da palavra a maçã. As estratégias são essas você precisa conhecer o surdocego e verificar a melhor a estratégia que você pode fazer. Lógico que pensando que tudo é tátil e dar os conceitos, colado do mais próximo da realidade possível, por exemplo, o gato tem pelo e colar uma textura similar. Uma coisa que não está posta aqui, como ele está com outros amigos surdos, o surdo também ganha em ver o gato em relevo, fica igual ao real. Então vou fazer o gato com pelo de qualquer cor, pois o surdo que está vendo percebe que não há gato com pelo roxo. Eu visualmente para o surdocego não tem importância, porque ele vai perceber que o gato tem pelo, mas para o amigo surdo é um ganho da cor. Puxa, perfeito, igualzinho, tudo que ofereço para o surdocego na cor original, não só para sentir a textura para que o outro o surdo veja e saiba que é daquele jeito.
Quais são as contribuições do professor instrutor e especialista para garantir a aprendizagem do aluno surdocego?

As contribuições do professor instrutor são as seguintes, na verdade, esse professor instrutor que é o mediador que está junto com a criança. Lá na nossa escola, é uma escola de surdo. Então o surdocego está em uma sala junto com amigos surdos. Eu trabalho como instrutora mediadora, porque ele não pode ficar parado, enquanto o professor regente explica em libras o conteúdo. É preciso explicar aquele conceito, se o professor está dando uma aula de geografia o mapa do Brasil, eu preciso mapa do Brasil em relevo para ele, fazer o sinal, fazer ele sentir a silhueta do mapa, explicar em libras tátil que aquilo é o mapa do Brasil que é país. Explica para ele direito para garantir o aprendizado dele, o instrutor mediador vai construir os conceitos todos. Assim, como deve ser construído, você deve ter materiais sucatas, papelão, vou recortar o mapa do Brasil, fazer um quebra cabeça. Enfim, trabalho desse jeito, para que tatilmente ele reconheça e possa aprender e por isso, precisa ter um professor ter professor mediador instrutor, porque ele está ali junto com surdocego, ele não pode ficar sozinho. É um direito do surdocego. O professor está ali para passar a aula, construir os materiais juntos com ele. Outra questão que também que eu vi é que a gente utiliza na primeira pergunta dos recursos pedagógicos, a gente precisa procura um papel mais duro para registrar isso, pois é uma coisa que o surdocego vai voltar para o caderno dele. Aquele caderno e fichário, voltar várias vezes, como é uma coisa que fica colada, que é tátil, precisa ser forte para ser a base, para ele fazer várias vezes ir e voltar no caderno, sem rasgar. Tudo isso que a gente precisa pensar para que fique melhor o trabalho com ele.

Qual é a importância do professor instrutor/ especialista no processo de alfabetização e letramento de aluno surdocego?

A mesma coisa, assim como é processo como é com o surdo, você fará com o surdocego de uma maneira tátil, ele não está vendo. Então, não adianta escrever na lousa, não adianta dá uma palavra que a letra esteja em relevo, pois ele não vai conseguir ler. Para depois ele está no braile é escrita e leitura, é um código das palavras. Aquela letra móvel a que tem configuração em a que tem o ponto em a. Nessa questão de alfabetização e letramento é mesmo processo que ocorre com a criança surda e ouvinte, mas para o surdocego tem a libras tátil. Apresentar as letras, os conceitos e as palavras, por exemplo, vai ensinar o conceito de bala. Ele vai tocar na bala, colocando as letras moveis, ele vai entender. Depois ele vai no braile, ele também terá acesso a livros só em letras moveis, por isso, precisa compreender o braile. O processo é mesmo de qualquer outra criança. O professor instrutor tem a função de professor, pois ele está alfabetizando, ele está ajudando no processo de alfabetização de letramento desse surdocego. Porque quando é guia intérprete são coisas diferentes, ele só passa o que o professor da sala está falando para o surdocego. Então, tem que se entender que ele tem um vocabulário fluente em libras que vai compreender o que está sendo falado que não é o caso na escola. Assim como o aluno está aprendendo e sendo alfabetização o aluno surdocego precisa também ter esse acesso, por isso, precisa ter um professor instrutor que teria as mesmas estratégias que faria com o aluno surdo ou ouvinte no processo de alfabetização. Mas o surdocego exige a parte tátil.

Faça um breve relato sobre a sua experiência com aluno surdocego. (especificando o grau da surdocegueira, a série, as dificuldades, os problemas superados, materiais utilizados e interação entre professor e aluno).

Hoje eu atuo com dois alunos surdocegos, porque eu trabalho na Prefeitura de São Paulo que é uma escola bilingue que é só para surdos, eu tenho dois cargos. Então, eu trabalho de manhã e a tarde. Então, tenho o aluno K. de manhã e o L. à tarde que são os dois surdocegos que eu acompanho. O K. está no oitavo ano, mas eu já o acompanho há cinco anos. O K. eu também tive, primeiro eu falei para você como ele ficou surdocego, se ele nasceu, se ele adquiriu a surdez depois ou a cegueira depois. No caso do K. foi assim, ele nasceu surdo, ele enxergava ainda, ele nasceu surdo com uma Síndrome que ainda não está fechada, os médicos não diagnosticaram, pois ele apresenta várias coisas devido essa Síndrome, inclusive a deficiência auditiva. Ele chegou lá com oito anos com a visão comprometida e precisou fazer uma operação e quando ele fez, ele ficou cego. Então, ele chegou a enxergar e depois entrou na condição de surdocego, até ele entender o que aconteceu, foi muito difícil para ele. Para o surdo a visão é tudo, mas depois que passou esse tempo até ele entender que estava em uma nova condição, você precisa ajudá-lo a se localizar na sala, a está se apresentando, a gente que professor instrutor, você tem um objeto de referencial, no meu caso era um anel que ele tocava em mim. Sempre colocava a mão dele na minha e fazia o meu sinal e ele sabia que era eu. Era referencial minha. A Magali tem esse anel. Eu ficava com ele. Eu perguntei e percebi o que ele tem mais facilidade, você vai apresentar várias vezes estratégias e várias atividades de encaixe e colagem para ver o que ele mais gosta. O K. gosta muito de encaixe a partir daí dessas dicas, comecei a fazer através do encaixe a ensinar os conceitos, por exemplo, quero ensinar as letras, eu fiz todo o alfabeto de A até Z com encaixe da letra e fazia sinal em libras e a digitação e assim foi. Então, ele ficou cego depois, com a condição de surdocegueira. Eu usei libras tátil, pois ele já tinha libras, lógico que ele já estava aprendendo como todos os outros alunos, ele estava adquirindo mais fluência, ele vai aprendendo através da libras tátil. Vou dando o conceito e sempre construindo com ele toda essa questão. Ele está na oitava, já temos essa intimidade, ele já me reconhece rapidamente, por ele está em uma série com várias disciplinas, eu acompanho em todas as disciplinas História e Geografia e como na escola já temos, são salas ambientes. Na porta da sala tem o nome com letras moveis, faz o sinal, está com os colegas e o professor de Geografia. Então, ele cumprimenta o professor, vê o sinal do professor e senta e faz as atividades do professor junto comigo, então se o professor pretende fazer com aquela turma, então eu vejo o que posso fazer com K. adaptando tatilmente, o mapa do Brasil e vai falar sobre regiões, eu vou fazer o mapa com a região, vai montar o Brasil todo, cada parte é uma região que apresenta uma textura com a legenda embaixo. Tudo isso, o surdo vai lá pinta o mapa e vê as legendas, no caso do K. é diferente ele vai sentir o mapa pela textura e letras moveis. Então, todo esse trabalho, ele está ali incluindo. O professor deu a matéria para os outros alunos, mas isso requer um tempo a mais, porque eu vou construir com ele para que ele conheça e entenda aquele conceito e assim vai. Vai para aula de História, então eu falo para ele vamos trocar, ele vai trocar nas letras moveis, faz o sinal da aula, fala com o professor, dá o sinal e senta e a gente vai tentar fazer algumas coisas, porque demora para construir. Ele entender que tem Matemática, que tem Libras, cada sala e sua disciplina, eu preciso está montando o material, ele tem um fichário de A a Z, eu comprei um papel Kraft tamanho A4, porque é resistente, pois ele precisa a todo momento voltar, como nós como alunos que precisamos estudar de novo, no caso do K., se ele quer voltar a estudar o mapa do Brasil para poder montar no saquinho as regiões, ele vai sentir de novo, precisa ser um papel mais duro. É um papel Kraft em formato de A4 que dá para fazer isso, as folhas do fichário como se fosse de caderno têm tudo registrado. É lógico, por isso que é fichário de A a Z, porque fica grande não dá para colocar tantas folhas, ele fica volumoso pela questão das texturas e também por ser tátil. Você vai vendo que está internalizando os conceitos, precisa repetir, precisa ter a rotina, fazer calendário tátil, os dias que é tátil, saber o dia da semana, ele faz igual os outros, assim como amigo tem ele também tem. O importante cada um é de um jeito, como eu sabia que ele gostava de encaixe, ele foi aprendendo, você vai mudando a técnica com velcro, com imã, mas é possível se ele vai fazer um exercício de ligar, vai ligar a palavra feijão que é feito com barbante no início como se ele tivesse ligando. Você pode fazer uma cruzadinha, mas você precisa fazer os quadrados. Ele tem várias atividades dessa maneira, variadas, mas eu sempre estou montando com ele. O material utilizado é construir mesmo, eu tenho muita miniatura, se eu quero apresentar helicóptero, ele vai tocar, vou dar um sinal, porque é impossível tocar no helicóptero real, porque é muito grande. Então, essas miniaturas ajudam, tudo que você tem de material que vai ter ajudar para dar aquele conceito, eu uso papelão para montar com ele, eva, texturas diferentes. Eu sempre estou montando com ele o caderno. Isso é o K.. À tarde, eu tenho o L. que é diferente, o L. nasceu cego, ele não tem globo ocular, ele já veio três anos, eu peguei ele esse anos, ele estava com outra professora nos dois anos passados. O L. já nasceu cego, então ele estava em uma escola de cego que é o Padre Chico que fica no Ipiranga, só que ele foi perdendo a audição. Ele foi inverso do K., ele perdendo a audição, ele vai se tornar surdocego, por isso, ele veio parar na nossa escola, para introduz a questão da libras tátil, para ele entender que a libras é uma comunicação. É a mesma coisa, só que aí a gente começa um trabalho de adaptação, a professora que estava com ele antes fez esse trabalho de adaptação de se localizar no lugar, ter aquela empatia, estabelecer vínculo, qual era a referencia dela que era uma pulseira que ele tocava e sabia que era ela. As coisas do dia a dia, almoçar, no almoço destacar cada alimento para ele saber o que é, fazer o sinal, para distinguir, começa daí. Agora eu estou começando com ele a alfabetização, a primeira coisa é o nome dele através das letras moveis, e também digitado na mão dele a partir daí fazer todas as questões para ele formas as palavras, ele precisa tocar em tudo. Se eu quero apresentar pastel junto com os amigos da sala, eu levo o pastel para escola, a gente experimenta, eu dou o sinal na mãozinha dele, depois corta e come, depois eu faço uma miniatura de pastel, depois coloca o nome com letras moveis para ele sentir a grafia da letra, faz a letra digitada em libras. Faz todo esse trabalho. O L. está começando agora, porque o K. está avançando porque está no oitavo ano. O L. sabe que faz parte da sala que tem os amigos que ele não está sozinho, tem a professora da sala, que estou ali, porque ele não pode ficar sozinho, eu estou trabalhando em conformidade com a professora. Então, ela me diz que vai trabalhar isso em Ciências, então já vou pensando como eu posso fazer isso para que ele entenda o conceito, sempre pensando na parte concreta. É isso que tenho hoje. Meu referencial é o anel, porque eu tenho vários dele, sempre vou com ele, outra pista que o surdocego pode ter um professor e aluno é seu cheiro, como é caso do L., se eu uso o perfume, também tem o cheiro da gente que vai direcionando. A gente está atento a isso, pista olfativa ajuda também, se eu costume usar um certo creme, sempre usar com ele e assim vai. São coisas que toma esse cuidado para que fica mais fácil para ele. Então, no caso do L., foi isso que trabalho com ele. Desde 2009, eu me especializei na questão do surdocego, eu sempre trabalhei na escola há 22 anos, quando chegou surdocego 2009 só tenho pego surdocego em várias idades e períodos diferentes se já adquiriu a libras também, porque cada um é cada um, não tem como. Primeiro conhecer o que ele já tem e o que ele não tem para estabelecer conceito e um trabalho efetivo e a interação é uma graça com L. muito bom, ele é super fofo. Ele reconhece quem é você e depois apresentando outras pessoas da escola, ele vai tocar, é a moça que faz a comida, a professora da sala, os colegas, nesse sentido. Hoje é meu trabalho que estou com dois surdocego, desde 2009 eu atendo com várias idades. É algo individualizado mesmo, você precisa conhecer aquele aluno e vai formando as coisas com ele de acordo de onde ele está para você dar um trabalho com ele.

Como deve ser estabelecido a relação entre professor titular, professor especialista e instrutor para contribuir com a aprendizagem do aluno surdocego?

Essa questão é isso, por exemplo, do K. está no oitavo ano Ensino Fundamental II, diferente do L. está no Ensino Fundamental I tem apenas um professor fica mais fácil. Também o professor da sala ele é professor do L. na verdade, eu também sou que estou fazendo essa acessibilidade e mediação, sou eu que estou trabalhando com ele, porque o professor está dando aula para os outros alunos surdos. Mas o professor é ele, por isso, é preciso seguir o que ele está dando de conteúdo para os outros e adaptando. Então, por na escola já tem surdocego fica mais fácil, pois os professores entendem dessa maneira. No caso do L. do Ensino Fundamental I, a professora dele, eu vou fazer isso em Ciências e História. Lógico se ele estiver sendo alfabetizado, eu vou continuar a fazer meu trabalho com ele ali com o nome e tal, mas algumas coisas eu posso fazer também. Ela vai dar planta para parte dos alunos dela, então a gente pode trabalhar juntos. Pode fazer um cartaz grande onde todos os alunos vão pegar folha, pegar o caule e depois o surdocego vai tocar na folha inteira e depois vai ver as partes. Toda a sala dá para trabalhar junto, pois há momentos que pode fazer isso. Mas precisa ser sempre algo tátil, não só algo desenho. No caso do Ensino Fundamental II, como há mudança de aula e disciplina, é a mesma coisa, o ideal que ele participe das aulas que o professor que já está acostumado com a escola já fala antes do que vai trabalhar. Não importar se vou demorar para dar esse conceito para o aluno, mas o importante ele ter. Então, no caso do K., ele vai trabalhar adição. Eu preciso montar com ele, primeiro ele precisa entender o conceito. $2+2$. Depois, ele vai para o registro que é todo tátil, ele vai colar as bolinhas. Todo o processo que o professor faz na lousa, eu preciso fazer tatilmente colado na folha dele, por exemplo, 2 com numeral moveis + construir com eva = 4. Também trabalha a questão da quantidade 2 bolinhas mais 2 bolinhas igual 4 bolinhas, então assim, o professor titular do K. oitava série são várias disciplinas, ele teriam que estar atentos, por eles são professores do aluno, por ele ter essa condição de surdocego. Lógico que eu faço a parte de adaptação de material e construindo conceito, ele pode me dizer eu vou fazer isso para eu conseguir bolar antes o que vou fazer, qual atividade que vou fazer com aquele conceito com questão dos materiais, por exemplo, ele vai dar, no caso de Geografia, mapa, vou montar um quebra cabeça, eu vou fazer o mapa cortado, mas primeiro apresentar ele inteiro, depois o aluno tira e coloca, cola comigo uma textura, Então são cinco textura junto. Eu não levo pronto, ele faz junto comigo. Para ele ter o trabalho de estar tocando e sentir cada textura, quando ele monta inteiro, ele vai sentir tudo. Embaixo na legenda, eu coleí com papel picado lá precisa estar igual colados com letras moveis para ele ler, o surdo não está fazendo com cores, o surdocego faz com textura. É mais trabalhoso, essa questão de trazer o mapa já cortado e vai montando no quebra cabeça em relação as regiões, eu já sei que o professor vai trabalhar com alunos surdos, mas ele vai trabalhar no papel impresso, desenhando na lousa, mostrando o mapa. Enfim, então, é nesse sentido, essa relação é importante, porque o professor da sala é o professor que está lá no caso do K. das disciplinas e no caso do L. é o professor polivalente na sala aula ali. Lógico que eu (professora instrutora) estou ali com o papel importante de passar o conceito, efetivamente quem está fazendo esse papel de conceituar sou eu de passar a parte tátil e o professor está acompanhando. É importante professor da sala como caso do K., quando ele chega na sala, por exemplo, de História, o aluno vai ler a plaquinha de História na porta vai entrar, vai cumprimentar o professor, o nome dele, o sinal, vai sentar juntos com os amigos dele. Então, isso é importante, porque o professor está ali de História, não sou eu que sou tudo professor de Matemática, Geografia, porque existe um professor dele, só que eu estou junto para fazer esse trabalho. A relação precisa ser assim, precisa ter essa relação bem aberta para que os professores especialistas e mediadores.

Com base na entrevista realizada, podemos perceber que a professora utiliza estratégias e metodologias lúdicas e adequadas para trabalhar com criança com deficiências, pois ela trabalha com atividades a partir de materiais não estruturados e táteis. Desse modo, a professora parte daquilo que real e concreto para criança que consegue obter uma melhor compreensão daquilo que é ensinado.

Nesse sentido, observamos que a professora utilizou de materiais objetos concretos mais reais e próximos da realidade do aluno, como, por exemplo, maçã e pastel. Dessa forma, primeiro a professora levou esses recursos, fez o sinal na mão do aluno. Depois pegou esses materiais, tocou, sentiu, percebeu, degustou e então passou para o caderno. No caso da maçã, ela utilizou papel contact que é liso, o pastel, fez um pastel em miniatura. Ambos foram escritos em letras móveis em que o

aluno pode sentir a grafia das letras.

Outra atividade que ela foi confeccionar um gato, assim a professora utilizou papel macio como a camurça e compatível a cor real do animal, pois deve ser o mais próximo da realidade, como ela relata, não existe um gato roxo por exemplo.

Na aula de Geografia, o professor está apresentando o mapa do Brasil, a professora instrutora fez um mapa em relevo utilizando papelão, sucatas em que recorta para fazer um quebra-cabeça. Essa construção será junto com o aluno, no qual, primeiro ela apresenta inteiro e depois o aluno tira e cola com uma textura, pois dessa forma ele vai poder tocar, sentir e assim construir o conceito. Nessa proposta foram utilizadas cinco texturas diferentes (ela não menciona exatamente a textura que foi utilizada).

Na aula de matemática, a professora utiliza calendário tátil removível com materiais de velcro e imã para mudar os dias, barbante, grãos, para ligar as palavras, cruzadinhas. No decorrer da entrevista, percebemos que os alunos têm várias atividades assim por meio de materiais táteis e não estruturados, sempre partindo da realidade de cada um.

Dessa maneira, o aluno ao fazer uma operação matemática, por exemplo, são utilizadas bolinhas em que cada uma representa um número, ele precisa entender o conceito de 2 bolinha + 2 bolinhas = 4 bolinhas. Nesse sentido, ele vai colar essas bolinhas no caderno.

A professora relatou que utiliza bastante miniaturas quando o objeto em questão é muito grande como: um helicóptero. A partir disso, ela constrói junto com o aluno utilizando papelão, pois é material resistente. Depois coloca o nome com letra móvel com finalidade de sentir a grafia da letra, faz a datilologia em libras.

Mas alguns recursos mencionados pela professora são os livros só em letras móveis, em Braile. Eva, papel Kraft A4 por ser resistente e a todo o momento precisa voltar a atividade, esses materiais táteis são necessários, pois contribui de forma significativa na aprendizagem do indivíduo surdocego, porque esse aluno conhecerá o mundo por intermédio do toque. Como a professora menciona, cada recurso será montado com o aluno e de acordo com a necessidade, dessa forma ele

vai construir conceito.

Outros recursos pedagógicos utilizados são objetos concretos, para as crianças por meio do toque das letras móveis conhecer, aprender o que é e identificar os objetos, uso de materiais sensoriais, com diversas texturas, é primordial respeita a característica dos objetos. Essas atividades sempre serão montadas com os alunos, não existem esses materiais prontos.

Esses alunos precisam conhecer tudo e tocar, o professor necessita conhecer muito bem seu aluno surdocego, suas características, sempre verificar a melhor estratégia para cada aluno, respeitando a individualidade de cada aluno surdocego, as texturas são muito importantes para eles, tentar sempre chegar ao real.

O professor instrutor sempre será um mediador, as crianças com surdocegueira convivem com crianças surdas na escola que essa professora está lecionando, a instrutora mediadora pega o que a professora titular explica os conteúdos e a professor instrutora passa para o aluno surdocego. Se a professora titular explicar algum conceito, a professora instrutora do aluno com surdocegueira precisa passar esse conteúdo para o mesmo, essa professora vai criar o conceito todo, ela passa a aula para o aluno e constrói os materiais com ele.

As estratégias utilizadas com o aluno surdocego será de uma maneira tátil por meio da libras tátil, letras móveis, o professor do aluno surdocego contribui no processo de alfabetização e letramento.

A professora instrutora também faz um breve relato sobre os seus dois alunos surdocego, diz como os alunos chegaram na condição de surdocego, como eles a reconhecem como professora instrutora. Ela também observou o que seus alunos mais gostavam, uso da libras tátil, a professora estabelece o conceito e constrói com os alunos tudo que é ensinado na aula pela professora titular. As crianças reconhecem suas salas por intermédio das letras móveis, ela sempre adapta as aulas para os alunos de forma tátil.

Nesse sentido, percebemos a importância de trabalhar com atividades lúdicas por meio de materiais não- estruturados e adequadas. A metodologia e abordagem utilizada pela professora é uma

postura construtivista em que parte da realidade do aluno e considera ele como protagonista.

A seguir veremos a proposta de intervenção elaborada em três blocos de atividades lúdicas.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo, elaboramos uma proposta de intervenção para aplicar com um aluno com deficiência intelectual e surdocego por meio de práticas adequadas e inclusivas. Nesse contexto, as atividades desenvolvem as habilidades da língua e da linguagem, portanto, com base na língua materna do aluno o professor será capaz de desenvolver a língua portuguesa na modalidade escrita, braile manual e tátil, além de contribuir para outros recursos de comunicação.

O primeiro bloco de aula será desenvolvido com base na leitura e estudo do conto a Chapeuzinho Vermelho (Irmãos Grimm). Observamos os objetivos, etapas de aprendizagem, expectativa de aprendizagem e a avaliação procedural.

Quadro 1 – Sequência didática texto 1

Objetivo geral	Possibilitar ao aluno a capacidade de compreender e identificar o conto por meio da libras tátil e o letramento da língua portuguesa na modalidade escrita por intermédio da escrita de letras móveis e o braile.
Objetivos específicos	-Capacitar o entendimento do conto de fada “Chapeuzinho Vermelho” (Irmãos Grimm); -Desenvolver atividades adaptadas de escrita da língua portuguesa;
Etapas de aprendizagem	As etapas de aprendizagem serão compostas por quatro.
Expectativa de aprendizagem	A partir de cada etapa requer do estudante um nível de aprendizagem.
Avaliação procedural	Com base nas etapas de aprendizagem abaixo, o professor avaliará se o aluno conseguiu construir o cenário e identificar as personagens relatando as suas diferenças e funções por meio de seus aspectos físicos e psicológicos. Posteriormente, a criança deverá escrever o nome da personagem e fazer uma organização linear e coerente da história tendo como base o conto original lido. Por fim, o aluno deverá ter a habilidade de contar por meio da libras tátil a história do jeito que ele entendeu. Caso o aluno, não tenha êxito em alguma etapa, é necessário retomá-la.

Fonte: elaborado pelas autoras

Quadro 2 – Etapas de aprendizagem texto 1

Etapas de aprendizagem
Construir do cenário da história e das personagens
Identificar das personagens por meio da escrita de uma lista;
Identificar e organizar a ordem linear da narrativa
Recontar a narrativa

Fonte: elaborado pelas autoras

Depois essa sequência de quatro etapas, o professor fará a leitura de outra versão do conto intitulado “A verdadeira história de chapeuzinho vermelho” (Agnese Baruzzi), tendo como base a seguinte tabela:

Quadro 3 – Sequência didática texto 2

Objetivo geral	Possibilitar ao aluno a capacidade de compreender e identificar o processo de intertextualidade nos contos por meio da libras tátil e o letramento da língua portuguesa na modalidade escrita por intermédio da escrita de letras móveis e o braile.
Objetivos específicos	-Identificar diferenças e semelhanças entre os contos; -Desenvolver a capacidade de compreensão do conto.
Etapas de aprendizagem	As etapas de aprendizagem serão divididas em quatro.
Expectativa de aprendizagem	Cada etapa requer do aluno uma expectativa de aprendizagem que deverá ser atingida.
Avaliação procedural	O processo de avaliação será feita por meio de cada etapa com a finalidade de investigar se o aluno conseguiu atingir a habilidade requerida.

Fonte: elaborado pelas autoras

Quadro 4 – Etapas de aprendizagem texto 2

Etapas de aprendizagem
Construir do cenário da história e das personagens, identificando as diferenças e semelhanças entre o conto original;
Identificar o motivo do lobo querer ser bonzinho;
Realizar uma lista de alimentos presentes na história;
Recontar a narrativa.

Fonte: elaborado pelas autoras

As atividades propostas serão registradas de maneira tátil no caderno da criança para que ela consiga consultar sempre que precisar.

No terceiro bloco de atividades, propomos ao professor a leitura da “Chapeuzinho vermelho” (Bia Vilela) que é uma versão em braile para que o aluno consiga aprender essa língua. Para isso, é necessário que a criança seja já alfabetizado para que seja possível traduzir aquilo que fez em língua portuguesa para braile manual ou tátil.

Quadro 4 – Sequência didática texto 3

Objetivo geral	Possibilitar ao aluno a capacidade de compreender e identificar o processo de intertextualidade nos contos por meio da libras tátil e o letramento da língua portuguesa na modalidade escrita por intermédio da escrita de letras móveis e o braile.
Objetivos específicos	-Identificar diferenças e semelhanças entre os contos; -Desenvolver a capacidade de compreensão do conto; -Desenvolver a habilidade de compreender braile manual e tátil.
Etapas de aprendizagem	As etapas de aprendizagem serão divididas em quatro.
Expectativa de aprendizagem	Cada etapa requer do aluno uma expectativa de aprendizagem que deverá ser atingida.
Avaliação procedural	O processo de avaliação será feita por meio de cada etapa com a finalidade de investigar se o aluno conseguiu atingir a habilidade requerida.

Fonte: elaborado pelas autoras

Quadro 6– Sequência didática texto 3

Etapas de aprendizagem
Identificar os nomes das personagens em braile;
Identificar as diferenças e semelhanças entre os contos;
Elaborar uma lista das personagens em libras tátil, português e braile.
Criar a própria versão da “Chapeuzinho Vermelho” com base nas leituras realizadas.

Fonte: elaborado pelas autoras

A sequência didática teve como objetivo o letramento da língua portuguesa, recontar a história por intermédio da libras tátil e do braile manual e tátil. Portanto, as atividades propostas seguiram uma metodologia e estratégias adequadas que partem do conhecimento da criança e do real para que seja possível garantir esse processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de intervenção contribui com práticas pedagógicas adequadas com crianças com múltiplas deficiências com objetivo de promover o letramento da língua portuguesa na modalidade escrita, conhecimento da Língua Brasileira de Sinais e o braile manual e tátil por meio de atividades inclusivas com base nas versões da “Chapeuzinho Vermelho”.

Nesse sentido, a sequência didática estabelecida auxiliou no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência intelectual e surdocego no Ensino Fundamental I, tendo como metodologias e estratégias conforme a necessidade da criança e também a prática educativa de uma professora instrutora e especialista.

De acordo com esse estudo, podemos salientar algumas formas de contribuir para o ensino do letramento da língua portuguesa, da libras tátil e do braile manual e tátil por meio de atividades lúdicas e adequadas.

Referências bibliográficas:

BALBELA, F. Dificuldades intelectuais leves no desempenho escolar e social: funcionamento intelectual borderline. In: ROTTA, N. T; BRIDI FILHO, C.A.; BRIDI, F.R.S. (Org). Neurologia e Aprendizagem: Abordagem Multiplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016. (p.150-164).

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, MEC, 2008. Disponível em: . Acesso em: 10 ago. 2012. _____. DECRETO Nº 7.611. Brasília, MEC 17 DE NOVEMBRO DE 2011. Disponível em: . Acesso em: 10 ago. 2012.

BARUZZI e NATILINI, A. e S. A verdadeira história de chapeuzinho vermelho. São Paulo: Brinque Book, 2010.

CAMBRUZZI, R. C. S. Surdocegueira: níveis e formas de comunicação. São Carlos: EDUFSCar, 2016

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994. FOUCAULT, Michel.

GRILLO, M. E. Superando obstáculos: a leitura e a escrita de crianças com deficiência intelectual. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

GRIMM, J. W. Contos maravilhosos infantis e domésticos. Ilustração: Jacob e Wilhelm, trad: Christine Röhrig. 1812, p. 137-140

MCINNES, J.M. (1999). Deafblindness: a unique disability. En: McInnes, J.M. (dir). A Guide to planning and support for indivíduos who are deafblind, (3-32). Toronto, Canada: University of Toronto Press

OLIVEIRA, A. A. S, Conhecimento escolar e deficiência intelectual: Dados da realidade. Curitiba: CRV, 2018.

ROSA, K. N. S, Deficiência intelectual: primeiras experiências de escolarização. Curitiba: CRV, 2017.

VILELA, E. G. Educação de surdocegos: perspectivas e memórias. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

VILELA, B. O chapeuzinho vermelho – 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.